

Alexandre Scheibel

Lucas Augusto Faria Alves

**Vida de Silva: a história de Silvano e
Vânia**

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social - Jornalismo
2014

Alexandre Scheibel

Lucas Augusto Faria Alves

Vida de Silva: a história de Silvano e Vânia

Projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio Xavier

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social - Jornalismo
2014

RESUMO: *Vida de Silva: a história de Silvano e Vânia* é um documentário biográfico produzido como Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. No produto audiovisual em questão, procuramos retratar a vida dos personagens, Silvano e Vânia, além das informações já conhecidas do público viçosense, isto é, de comerciantes com sucesso em seu empreendimento comercial, o Vitamina Silva. O objetivo é mostrar que pessoas comuns, aparentemente sem grandes feitos, podem se revelar como bons personagens de narrativas biográficas, nesse caso, de uma narrativa audiovisual. Para fomentar uma discussão teórico-conceitual que embasasse a nossa produção, utilizamos uma bibliografia referente ao estudo do documentário, seus conceitos e formas de produção; e sobre narrativas de vida, particularmente sobre biografias. Quanto à metodologia dividimos nosso trabalho em etapas de pré-produção, produção e pós-produção, nas quais pesquisamos e apuramos o tema através de entrevistas preliminares; visitamos as locações, produzimos imagens e realizamos a gravação de entrevistas nas cidades de Viçosa e Canaã e, por fim, editamos o documentário em sua versão aqui apresentada.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Vitamina Silva; Viçosa.

ABSTRACT: *Life of Silva: The story of Silvano and Vânia* is a biographical documentary produced as a Completion of course Work in Social Communication with qualification in Journalism. In the audiovisual product concerned, we've tried to portray the life of the characters, Silvano and Vânia, along with the known information from Viçosa public, namely, traders successfully in their business venture, Silva Vitamin. The aim is to show that ordinary people, apparently without great deeds, may prove to be good characters of biographical narratives, in this case, an audiovisual narrative. In order to promote theoretical and conceptual discussion that would provide the foundation of our production, we use a bibliography on to the study of the documentary, its concepts and forms of production; and on life narratives, particularly in biographies. On the methodology, we divided our work in stages of pre-production, production and post-production, in which we researched the topic and verified it through preliminary interviews; visited the locations, produced images and performed recording interviews conducted in the cities of Viçosa and Canaan, and finally edited the documentary in its version presented here.

KEY-WORDS: Documentary; Vitamin Silva; Viçosa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1: O GÊNERO DOCUMENTÁRIO E A REPRESENTAÇÃO DO COTIDIANO.....	7
CAPÍTULO 2:REFLEXÕES ACERCA DAS NARRATIVAS DE VIDA.....	15
CAPÍTULO 3: RELATÓRIO TÉCNICO.....	21
3.1. Pré-produção.....	21
3.2. Produção.....	22
3.3. Pós-produção.....	26
3.4. Material, cronograma e orçamento.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
ANEXOS.....	32

INTRODUÇÃO

Silva é um dos sobrenomes mais populares entre os mais de mais de 200 milhões de brasileiros¹. Oriundo de Portugal, ele também era um dos mais populares no país luso. No Brasil, ele se espalhou rapidamente porque os escravos que aqui chegavam eram batizados por padres católicos e ganhavam sobrenome português. Geralmente, era o nome de seu dono e, como aqui já moravam vários Silvas, foi questão de tempo para o sobrenome ganhar proporções enormes. Hoje, essa difusão do sobrenome pode ser facilmente percebida. Uma pesquisa realizada pela empresa Telefônica na maior cidade do país, São Paulo, foi constatado um número de 296 mil habitantes, aproximadamente, com o sobrenome entre os 4,6 milhões de assinantes de telefone.²

Entre os Silva estão cidadãos famosos como o ex-presidente Lula (Luiz Inácio Lula da Silva), o lutador de MMA Anderson Silva, A atriz Arlette Pinheiro Esteves da Silva, mais conhecida como Fernanda Montenegro e Fausto Corrêa da Silva ou simplesmente Faustão. Mas apesar dessas personalidades famosas, o sobrenome é mais conhecido pela sua popularidade, principalmente entre as classes média e baixa. A música *Rap do Silva*³ - composta por Pablo Botini e interpretada por diversos funkeiros, representa essa história dos Silva comuns: a letra revela um pai de família humilde que trabalha e passa as mais diversas dificuldades, mas que ainda encontra tempo para ser funkeiro. A sua simplicidade fica explícita na parte do refrão “Mais era só mais um Silva, que a estrela não brilha”.

Pensando nessa representatividade do sobrenome, nos propusemos a realizar uma produção documental biográfica que representasse pessoas comuns. Nosso documentário tem como personagens o casal Silva, proprietários de uma lanchonete chamada Vitamina Silva, situada no centro da cidade de Viçosa, que a princípio chamou a atenção pelo seu sucesso como empreendimento. A proposta era realizar um documentário que contasse da história de Silvano e Vânia e não apenas do seu comércio. Logicamente é impossível contar a história

1

Informação disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/08/populacao-brasileira-ultrapassa-marca-de-200-milhoes-diz-ibge.html> Acesso em 30/06/2014

2

Informação disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/por-que-tem-tanto-silva-no-brasil> Acesso em 30/06/2014

3

Informação disponível em: <http://www.vagalume.com.br/mc-marcinho/rap-do-silva.html> Acesso em 30/06/2014

dos dois sem fazer menção à lanchonete, até porque esse foi um dos pontos que determinaram a escolha deles. Mas o nosso foco são os seres humanos por trás dos empreendedores.

Acreditamos que esse casal representa uma grande parcela da sociedade, o que coaduna com nosso objetivo de revelar histórias de pessoas comuns. Além disso, trata-se também da história local, já que eles são cidadãos que fazem parte da história Viçosense. A escolha pelo gênero documentário se dá pela afinidade de um dos membros com o audiovisual e o interesse do outro em aprender mais sobre ele. Outro motivo é a facilidade de difusão de vídeo, possibilitada pela internet, onde podemos disponibilizar o documentário para que outras pessoas conheçam nossos personagens.

Assim, podemos dizer que o objetivo principal do trabalho é contar a história do casal Vitamina Silva, e construir, apoiado por nossos referenciais teóricos, uma narrativa envolvente. Especificamente, buscamos também revelar personagens da história local.

Em relação ao referencial teórico, procuramos nos orientar tanto por trabalhos sobre o gênero documentário quanto pela discussão acerca das narrativas de vida. Destacamos as obras de Lucena (2012), Monclar (2009) e Nichols (2012), acerca da primeira temática, e de Vilas Boas (2002, 2006), Burke (1997) e Schmidt (1997) para a segunda.

Esse memorial está organizado em três capítulos. No primeiro, falamos sobre o gênero documentário, entendendo-o principalmente como uma forma de retratar o cotidiano. Procuramos também apresentar orientações quanto ao modo de produção de uma obra documental.

No segundo capítulo, procuramos tratar das histórias de vida, particularmente da biografia. Sua origem, conceitos, como fazer e limitações filosóficas e narrativas que comumente aparecem nesse gênero. Metodologia fundamental na construção de uma produção biográfica, no nosso caso um documentário, tratamos também da história oral, corrente historiográfica que busca trazer uma visão de baixo, que dá voz aos desfavorecidos, além é claro de construir histórias através da memória e de relatos.

No terceiro capítulo, nos dedicamos à descrição pormenorizada de todos os métodos e processos necessários para a produção deste documentário. O levantamento dos temas até este ser escolhido, a escolha pelo gênero documentário, a escolha do referencial teórico, as conversas iniciais com os entrevistados e contatos periódicos a fim de permitir que as fontes se sentissem a vontade, organização da logística do material, a realização das entrevistas com um cuidado especial ao áudio e as imagens, a decupagem, a elaboração de uma estrutura narrativa ou roteiro e o processo de edição e finalização do vídeo.

CAPÍTULO 1: O GÊNERO DOCUMENTÁRIO E A REPRESENTAÇÃO DO COTIDIANO

Em 1895, os irmãos Lumière exibiram as primeiras "vistas animadas": filmes que mostravam funcionários de uma fábrica saindo do serviço. Mesmo 119 anos depois, uma característica da obra dos irmãos franceses também norteia o nosso trabalho: o registro e a reprodução do cotidiano. Segundo o Dicionário Aurélio, cotidiano significa "aquilo que se faz todos os dias, o que acontece habitualmente". Partindo desta definição, registrar o que nos cerca diariamente, registrar estes acontecimentos requer cuidado para que o fato de estar sendo registrado não interfira e, desta forma, deixe de ser o que habitualmente vemos.

Para isso, tornar o ambiente da filmagem "natural" é a melhor forma para que este não interfira no que se quer registrar; o cotidiano. É necessário tempo de adaptação, de imersão e inserção neste cenário. No caso do nosso projeto, manter o contato com os principais personagens, o casal Silva, Silvano e Vânia, foi a forma encontrada para deixar este contato natural. Além das visitas constantes, a realização de um teste de roteiro de perguntas aproximou a equipe dos personagens, tornando até mesmo as outras entrevistas, com familiares e amigos, mais natural.

Para escolher o tema do nosso projeto experimental, utilizamos de uma técnica muito disseminada pelos autores que escrevem sobre documentários: prestar atenção no cotidiano, nas coisas que rodeiam o seu dia a dia.

As ideias nascem de observações do nosso entorno, do acompanhamento de noticiários de TV, da leitura de jornais, que mostram pequenas histórias e personagens que podem ser trabalhados em vídeo. Essas ideias surgem como pensamentos casuais, que normalmente estão relacionados com nossa vontade de documentar alguma situação ou personagem. (LUCENA, 2012, p. 32)

Ir mais a fundo na história de duas pessoas que eventualmente outras da cidade de Viçosa encontram, se relacionam. Contar a parte da vida que a maioria não conhece e, sem alguém para retratar essa história, dificilmente teria acesso a ela. Foi pensando nisso que nós resolvemos reproduzir a história do Casal Silvano e Vânia, que são "famosos" na cidade de Viçosa-MG pelo estabelecimento que lhes pertence, o Vitamina Silva, mas que poucos conhecem. A curiosidade de conhecer mais pessoas que o público já considera do seu cotidiano justifica a produção deste documentário, "o espectador toma consciência do espaço que ele vê, que construímos para ele na tela. Ele frequenta e vivencia esse espaço, e as ações

através do olho da câmera." (MONCLAR, 2009, p. 18). Mesmo não sendo o foco, o estabelecimento que tornou popular o Casal Silva faz parte das suas vidas e também do público.

O conceito de documentário passou a ser estruturado após a exibição das películas dos irmãos Lumière e foi concretizado com *Nanook, o esquimó*, de Robert Flaherty (1922). As definições encontradas foram estabelecidas pela comparação com o que já existia na época, tanto que, antes de ser denominado documentário, este gênero fílmico foi chamado de não ficção. "O documentário passa a ser considerado como a produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real e como protagonistas os próprios "sujeitos" da ação." (LUCENA, 2012, p.11)

Partindo desta definição, o projeto experimental de um documentário que conte a vida do Casal Silva, donos do estabelecimento Vitamina Silva, vai ao encontro do que se define como documentário. O projeto tem como intenção contar a história da vida do casal, e não do estabelecimento. Assim como na definição de Lucena (*op. cit.*) a história será contada pelos próprios "sujeitos da ação".

Segundo o escritor americano Bill Nichols (2012), pioneiro no estudo contemporâneo sobre documentários, o gênero tem o poder de retratar uma realidade de forma fiel. O que é apresentado e registrado pelas imagens e áudio, também podem ser vistos no cotidiano.

Os documentários oferecem-nos um retrato ou uma representação reconhecível do mundo. Pela capacidade que têm o filme e fita de áudio de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade, vemos nos documentários pessoas, lugares, e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema. Essa característica, por si só, muitas vezes fornece uma base para a crença: vemos o que estava lá, diante da câmera; deve ser verdade. (NICHOLS, 2012, p.28)

Se, por um lado, os documentários registram o cotidiano, por outro, não podemos esquecer que, no momento em que gravamos, estamos retirando aquela situação da normalidade. Além disso, o próprio diretor, no momento de construção do documentário, ao escolher uma angulação do que está trabalhando está, na melhor das hipóteses, fazendo um recorte da realidade que quer retratar. "O documentário é a edição de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados e distintos que reflete a perspectiva pessoal do realizador – ou seja, nem tudo é verdade no documentário" (LUCENA, 2012, p. 16).

No projeto experimental, a ideia é contar a história do casal Silva, Silvano e Vânia, além do que é mostrado no dia a dia, permitindo que as pessoas que eventualmente convivem com eles, no Vitamina Silva, tenham a oportunidade de conhecer as suas origens e quais foram os caminhos percorridos até chegar onde é de conhecimento de todos. Mesmo aprofundando a história para além do que é visto, os personagens estão presentes no cotidiano da cidade, o que justifica tal abordagem.

1.1 O modo de produção da narrativa documental

Dentre as diversas formas de construção de um documentário, Lucena (2012, p.19) apresenta dois modos principais, estruturados a partir do discurso: “o discurso direto, em que uma voz fala com a câmera e, por extensão, conosco, de forma direta; e o discurso indireto, que não é dirigido à câmera ou ao público”. Na produção do trabalho para o TCC, foi feita a opção pelo discurso direto, utilizando de uma técnica também apresentada por Lucena (*op. cit.*): o entrevistado conversa com alguém posicionado ao lado da câmera. Desta forma, conseguimos dois efeitos importantes para manter o interesse do público: o discurso informal, descontraído, fluído, que se aproxima de uma conversa e o contato visual com o público, mesmo que no nosso caso, os entrevistados não estejam com o olhar fixado na lente da câmera.

Segundo o documentarista e jornalista Luiz Carlos Lucena (2012), no livro *Como fazer documentários*, uma das opções de fontes é o próprio sujeito da ação, principalmente quando falamos de documentários biográficos, simplesmente por ninguém conhecer melhor alguém do que a própria pessoa. Complementar essa pesquisa com outras fontes que podemos denominar "secundárias" enriquece o discurso e amplia a pesquisa e os pontos de vista sobre um mesmo fato. "Se for um documentário sobre um personagem específico, ele próprio será nossa principal fonte de consulta, mas valiosas informações também poderão ser obtidas por meio de conversas com a família, amigos, companheiros de trabalho." (LUCENA, 2012, p. 34). No nosso caso, essa técnica de pesquisa e entrevista foi plenamente utilizada. Ainda mais porque estamos retratando a vida de pessoas que não são amplamente famosas, o que impossibilita uma pesquisa que não seja com os próprios entrevistados. A principal entrevista do produto foi realizada com os dois personagens principais, Silvano e Vânia. Além deles, familiares de ambos e amigos também foram entrevistados, para retratar momentos específicos em que são retratados.

Ainda sobre o uso de entrevistas na produção dos documentários, alguns críticos de cinema questionam o uso exagerado desta técnica. De toda forma, esta prática ainda é a melhor forma para construção de uma história documental. Conforme Lucena (2012, p.62), "pode-se criticar o uso abusivo da entrevista, mas ela permite - complementada com imagens relacionadas ao tema - que o espectador construa um perfil do entrevistado ou uma visão geral do tema abordado." Em nosso caso, construímos nossa narrativa a partir das falas dos próprios personagens.

Optamos pela alteração da ordem cronológica da história no momento de estruturação do roteiro e montagem do produto. Fizemos isso pois se trata de uma história que o nosso público-alvo conhece apenas uma pequena parte. Desta forma, achamos melhor iniciar o documentário com a parte mais conhecida, com a intenção de atrair e familiarizar o espectador com o tema e, após isso, contar a parte da história que poucos conhecem. Para a montagem do documentário também foram produzidas imagens além das gravações com os entrevistas, nas gravações de Canaã. A ideia era que fossem utilizadas caso fosse necessário, partindo da ideia de que, caso alguma filmagem não desse certo não teríamos a oportunidade de refazer a entrevista em questão. Para isso, foram feitas imagens da cidade onde Silvano e Vânia nasceram, das casas onde moravam, da fazenda da família, entre outras.

A estruturação de um documentário de forma coerente requer algumas etapas, sobretudo para que a história não se perca e fique vaga em meio a uma descontrolada inserção de entrevistas e imagens desconexas. Jorge Monclar (2009) em seu livro *Linguagem Cinematográfica* e Lucena (2012) em *Como fazer documentários* apresentam seis passos que são fundamentais para a construção de um documentário. São elas: "sinopse, argumento, roteiro, decupagem do roteiro em planos, filmagem e edição final dos planos." (MONCLAR, 2009, p. 16).

A sinopse é o passo seguinte à pesquisa. É uma descrição objetiva do que será o seu documentário. Deve apresentar de forma clara o que retrata o filme, sendo facilmente entendido por quem o lê. "Uma boa sinopse fará que o leitor se interesse pelo projeto; caso isso ocorra, será meio caminho andado. Ele então dará o segundo passo e lerá o argumento." (LUCENA, 2012, p. 35)

O argumento já se caracteriza por um texto mais detalhado, baseado no que foi descrito na sinopse. "Se na sinopse você revelou "o que é o filme", no argumento você deve mostrar "como será o seu filme", indicando personagens, o tema, os locais de filmagem" (LUCENA, 2012, p.36). Seguindo esta linha, o argumento seria um pré-roteiro do

documentário, que vai servir, além de detalhar alguns aspectos da produção, para estruturar a produção do filme.

O argumento, seguindo sua função de mostrar como será o filme, deve apresentar uma breve descrição de seus personagens e/ou tema abordado, indicações de locação e ambiente, os tipos de imagem escolhidos, a forma de narrativa (narração em off ou depoimentos diretos, por exemplo). Também deve conter informações sobre os eventos a serem filmados, onde serão filmados, as pessoas ou tipos de pessoas a serem filmados. Deve definir o background do filme - os tipos de depoimento, as tomadas de cobertura, as imagens ou ilustrações de arquivo que serão usadas. (LUCENA, 2012, p. 37)

O argumento permite então que quem o leia visualize o produto, uma vez que é com os detalhes descritos nesta etapa que é construído o filme. É a partir do argumento, também, que se pode visualizar qual o caminho que será percorrido pela produção. Até mesmo por isso, o argumento é a etapa que antecede o roteiro, é um resumo do que será apresentado nele. Por isso o tamanho da importância que tem o argumento. Um ponto importante que merece ser destacado é que, enquanto o autor Luiz Carlos Lucena (2012) descreve sinopse e argumento como duas etapas distintas, Jorge Monclar (2009) agrupa as duas etapas.

Lucena (*op. cit.*) destaca que o argumento para um documentário precisa ser flexível: já que quando lidamos com personagens reais, não podemos moldar de acordo com o que pensamos, e precisamos lidar com o acaso. “O argumento do documentário é quase sempre aberto, porque filmar personagens reais, fatos e locações realistas envolve o acaso, um elemento sempre presente nesse tipo de produção.” (LUCENA, 2012, p.47)

O roteiro nada mais é do que o filme escrito. Ele é tudo que se vê e se ouve no papel. É no roteiro que o editor, quando for montar o filme após as filmagens, encontrará: (i) qual o plano que foi escolhido pelo diretor para determinado trecho; (ii) qual a parte exata da fala de determinado personagem entrará, (iii) a ordem que entrarão as imagens que apresentam determinado personagem ou local, (iv) qual e quando serão background utilizado.

Um roteiro organiza as sequências com seus respectivos diálogos ou entrevistas a serem filmadas, sequencialmente, em vários locais ou em estúdio. Cada sequência deve estar numerada na ordem que irá para as telas quando estiver terminado. E cada sequência, contada ou narrada por um determinado número de planos, que serão filmados, para que não percamos o fio da história que o diretor deseja contar. (MONCLAR, 2009, p.14)

O roteiro é uma organização prévia do que será o filme. Nele é descrito cada passo que será executado durante as gravações e a pós-produção. O detalhamento desses passos escritos

no roteiro é o nosso próximo passo, a decupagem do roteiro em planos. É nesta etapa que tudo o que foi planejado é especificado e detalhado, e pode ser verificada a sua eficiência ou a necessidade de uma correção ou acréscimo. "A decupagem deverá ser concisa, para que a história seja bem transposta da escrita literária para a visual." (MONCLAR, 2009, p.19).

Por mais que o roteiro dos documentários se apresente como um planejamento, como um objetivo, o roteiro continua sendo imprevisível, já que é uma etapa prévia às gravações. Nesse sentido, o roteiro também precisa contar com os imprevistos e o acaso. "No documentário, o roteiro pode ser um argumento amplo, porque, ao contrário dos filmes de ficção, em que o roteiro é a origem e a matriz do filme, nele tudo pode mudar conforme o desenvolvimento do tema e das filmagens." (LUCENA, 2012, p.40)

As etapas anteriormente listadas não têm o poder de produzir um filme isoladas, separadas. Elas são o começo, o meio e o fim de uma produção. O roteiro e decupagem do roteiro são as etapas mais complexas, ou seja, mais cruciais da produção. Além de serem o esqueleto do produto final, são fundamentais, pois o planejamento prévio facilita a execução e diminui as chances de erros e imprevistos. Além disso, com um roteiro bem montado e estruturado, a pós-produção fica facilitada, uma vez que tudo o que foi registrado teve um propósito previamente definido. "Um roteiro de qualidade apresenta em sua narrativa, uma objetividade visual dramática bem precisa, onde cada frase praticamente corresponde a um determinado plano (incluindo indiretamente seu movimento e posicionamento)." (MONCLAR, 2009, p. 16).

No nosso projeto, a montagem do roteiro foi toda estruturada a partir do que pudemos coletar por meio do teste do roteiro de perguntas com o casal Silvano e Vânia. Por se tratar de um documentário biográfico, o fio condutor foi a entrevista dos personagens principais. A partir desta estruturação, pudemos selecionar quais outros personagens faziam parte daquela história e, portanto, deveriam ter as suas histórias ouvidas. Foi neste momento também que notamos qual ordem de apresentação das sequências das entrevistas seria a ideal para a construção da narrativa, apresentando a realidade conhecida pelo público-alvo primeiro e aprofundando a história na sequência. Refletimos também sobre quais as imagens deveriam ser captadas, mesmo com a estrutura sendo construída pelas falas dos personagens, e em quais locações essas imagens e alguns trechos das entrevistas deveriam ser feitos. O cuidado com as locações em relação a iluminação, montagem do cenário e qualidade do áudio foram também considerados. Isso é de extrema importância na próxima etapa, a filmagem. A partir dessa definição, ficou clara a necessidade de irmos ao município de Canaã, cidade onde os nossos personagens principais nasceram e viveram maior parte da infância e adolescência.

Depois de escrito o roteiro, enumeramos as fontes, escolhidas as imagens necessárias, os offs, e seu detalhamento com a decupagem do roteiro em planos, chegou o momento de executar tudo o que foi planejado. A filmagem é o momento de produção do conteúdo de um filme. Como dito anteriormente, nenhuma das etapas constrói o filme sozinha, mas com certeza é impossível fazê-lo sem ser filmado. Uma etapa mal realizada também pode prejudicar e comprometer todo o trabalho. Com a filmagem isso não é diferente, ainda mais quando tratamos de documentário, que normalmente não é possível refazer o material. Dependendo do erro, o trabalho pode até ser inviabilizado. De toda forma, um erro menor pode dificultar em muito a nossa próxima etapa, a edição.

A edição é última etapa de produção de um filme. Depois de todas as sequências do roteiro filmadas, a ordem de entradas das sequências filmadas definidas, chegou o momento de criar, construir, criar, e assim finalizar o vídeo. É na edição que tudo se transforma, ganha forma, estrutura, passa a ter sentido, ou seja, se transforma em um filme.

Na produção de um documentário, como já foi dito, tanto argumento quanto roteiro precisam ser abertos e amplos, por se tratar de etapas anteriores às gravações, e pelo fato de, durante as gravações, existir a chance de ocorrer imprevistos. Desta forma, por mais que seja bem planejada a produção do roteiro, é possível que durante a edição o editor sinta falta de algum plano, sequência, imagem ou fala. No caso de filmes de ficção é possível para o editor pedir ao diretor um plano ou sequência que não tenha sido filmado. Isso se deve pelo fato de as gravações para este gênero serem feitas, em sua maioria, em ambientes controlados, sejam eles estúdios ou áreas externas. No caso de um documentário, por conta da imprevisibilidade tanto das fontes quanto das locações, a chance de não existir essa possibilidade é grande. “É muito comum, na finalização de um vídeo, o editor solicitar ao diretor um plano que não foi filmado ou gravado. Não é uma busca estética. O montador/editor necessita de um plano que dará clareza e concisão ao discurso do diretor do filme, mas ele não existe no material filmado ou gravado que recebeu para montar.” (MONCLAR, 2009, p.19)

Quando o produto a ser editado é de longa duração, existem alguns artifícios que facilitam a organização do processo. Um deles é a minutagem do material, que consiste em analisar todos os arquivos e marcar, de acordo com o tempo destes arquivos, quais trechos serão utilizados no produto final. Essas informações são escritas junto ao roteiro e facilita o trabalho do editor. “Recomendo sempre aos alunos que façam a minutagem completa do material, decupando arquivo por arquivo. É um trabalho chato e demorado, mas muito útil, principalmente nos casos em que a edição fica a cargo de um técnico, sob sua orientação.” (LUCENA, 2012, p. 102). No nosso produto, como a base estrutural do documentário foi a

entrevista dos personagens principais, Silvano e Vânia, as imagens para off já foram produzidas de acordo com o roteiro para momentos específicos. Posteriormente foi feita a decupagem de todas as entrevistas filmadas, o que facilitou nosso processo de edição.

Além da decupagem, criar uma prévia do que será o filme ajuda na hora da edição. Essa prática é conhecida como montar o "esqueleto" do produto, onde são inseridos os momentos mais importantes já na ordem em que entrarão no produto final. A partir desse esqueleto, são inseridas as outras partes no seu decorrer, seguindo o roteiro e, assim, finalizando a edição do produto.

Outro procedimento aconselhável é a edição de um esqueleto do documentário, com base no argumento ou roteiro e no material decupado. No esqueleto devem-se inserir os pontos considerados mais importantes em uma sequência linear, para que se tenha uma primeira noção de como ficará o trabalho. Essa primeira edição torna mais fácil o corte dos excessos, de acordo com a duração estipulada para o filme. (LUCENA, 2012, p. 102)

No nosso produto, fizemos um esqueleto com uma primeira versão. Nele foram inseridas as entrevistas, na ordem de entrada das sequências que estava prevista no roteiro. Para isso foi realizada a minutagem das entrevistas, que facilitou a montagem. Este esqueleto foi montado com a intenção de verificar se o que foi previamente planejado tinha sustentação para seguir adiante na finalização do documentário. Os detalhes de toda a produção serão especificados no capítulo três.

CAPÍTULO 2: REFLEXÕES ACERCA DAS NARRATIVAS DE VIDA

Por estarmos produzindo um documentário biográfico, cujo objetivo é enfatizar a vida de pessoas comuns, procuramos apresentar em nossa discussão teórico-conceitual uma reflexão acerca das narrativas de vida.

O gênero biografia é uma das formas de reprodução de histórias de vida. Segundo o historiador Peter Burke (1997, p.9) “o termo *biographia* foi cunhado na Grécia no fim do período antigo. Antes disso, falava-se em escrever "vidas".” (BURKE, 1997, p.9). Além disso, apenas governantes, filósofos, generais, literatos e depois mulheres, artistas e indivíduos de outras culturas como os sultões, por exemplo, eram merecedores de biografia, nesse contexto da Antiguidade.

Vilas Boas (2002) define o gênero como “a compilação de uma (ou várias) vida(s). Pode ser impressa em papel, mas outros meios, como o cinema, a televisão e o teatro podem acolhê-la bastante bem”. (VILAS BOAS, 2002, p. 18). É possível perceber que tal definição pode ser compreendida como uma atualização do conceito de biografia, na qual também se ancora o nosso produto: um documentário biográfico, que utiliza imagens e áudio para contar a história de uma vida.

Em sua outra obra *Biografismo: Reflexões sobre as vidas escritas Vilas Boas* (2006) amplia e aprofunda suas definições. Na ocasião, o autor define biografia como uma forma de narrar com arte a vida de outra pessoa e também como uma maneira de proporcionar uma descrição detalhada de uma existência.

Variados são os fatores que determinam a escolha um personagem para ser “merecedor” de uma biografia. O biografado tem que ter algo de especial, qualidades que o diferencie dos demais. Vilas Boas (2006, p.35) acredita que a escolha de um personagem também “envolve razões concretas, insights, associações livres, oportunidades, sincronicidades, sutilezas”.

Para a construção de uma biografia são necessários auxílios de diversas ciências como a antropologia, a sociologia, a história e etc., e também de suas metodologias, o que torna o fazer biográfico uma produção transdisciplinar. Uma importante aliada do fazer biográfico é a história oral, corrente historiográfica que, segundo Amado e Ferreira (1998), é uma história alternativa, livre e emancipadora. Ainda de acordo com as autoras:

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres proletários, marginais etc.), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo” (*Geschichte von unten, Geschichte von innen*), atenta às maneiras de ver e de sentir, e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-histórica”. (AMADO; FERREIRA, 1998, p.4).

A história oral se apresenta então indispensável ao processo de construção do nosso produto, não só por permitir a escolha de pessoas comuns ou anônimas que representam uma parcela da cidade de Viçosa – tratando assim da história local – para ser objeto de uma biografia, mas também por possibilitar que contemos, ou melhor, deixemos que eles contem a sua história de vida através do relato de suas memórias, reconstituindo e revelando experiências do seu cotidiano e do seu universo privado. Através do estudo da história de vida de um indivíduo, buscamos entender a sociedade em que ele está inserido. A narrativa da biografia, então, passa a ser vista não mais como a descrição de algum fato que já aconteceu, mas como uma construção social. (BASTOS, 2004)

Meihy *apud* Martinez (2008) define o processo técnico da história oral com um aglomerado de procedimentos como: elaboração de um projeto, escolha dos entrevistados, elaboração de um meio de conduzir as gravações, decupagem do material, conferência do depoimento, autorização do entrevistado, arquivamento do material e a publicação dos resultados para que estes voltem as pessoas que geraram esse resultado. Porém, é importante lembrar como afirmam Amado e Ferreira (1998, p.16) que a “história oral é mais do que uma decisão técnica ou de procedimento”. Ela é um método que oferece interpretações qualitativas de processos históricos sociais. Assim, florescem nas biografias - com o aporte da história oral -, detalhes sobre biografado como características do seu inconsciente, do seu universo cultural, seus sentimentos e relações pessoais. (SCHMIDT, 1997)

A história oral é um meio interessante de se construir histórias através de memórias e relatos orais. Por meio dela, pessoas comuns procuram compreender acontecimentos e mudanças acontecidas em suas próprias vidas (THOMPSON *apud* MARTINEZ, 2008). Um exemplo é quando o biografado busca em seu passado fatos e escolhas que acarretaram na construção da sua personalidade ou na sua condição atual de vida.

No que se refere à constituição das biografias, Vilas Boas (2006) aponta algumas limitações filosóficas comumente reproduzidas em construções de narrativas biográficas. A

primeira, descendência, é algo com que o biógrafo deve saber trabalhar corretamente; não saber é o primeiro erro de um biógrafo.

Biógrafos adoram recorrer a pais, avós e bisavós para tentar explicar temperamentos, atitudes destrutivas, decisões arriscadas, fracassos, repetições, compulsões, estranhezas, conquistas etc. Há os que explicitam ou insinuam relações de causa e efeito entre o passado e o presente; outros preferem apenas cumprir um ritual: fornecer registros informativos sobre familiares. (VILAS BOAS, 2006, p. 48)

Utilizar-se da descendência e definir um personagem meramente condicionando-o àquele velho ditado “Um fruto não cai muito longe da sua árvore” é resumir toda uma história particular a apenas resultados de influências e características genéticas, genealógicas. “O importante, a meu ver, é não aceitar previamente que o biografado seja mero efeito, mera consequência do que seus pais foram ou deixaram de ser; e não sair à cata de dados sobre pais automaticamente, apenas para indicar que existiram”. (VILAS BOAS, 2006, p. 53). Para o autor, em uma construção biográfica, os traços paternos e familiares devem servir apenas para auxiliar na construção das características do biografado e não serem tomados como determinantes para os comportamentos e características apresentadas.

Uma segunda limitação apontada por Vilas Boas (*op. cit.*) é o fatalismo ou predestinação. Percebemos tal característica quando um fato é apresentado como gerador de uma mudança na trajetória de uma vida: sem ele o personagem nunca seria o que é, trata-se de uma determinação do próprio destino.

O fatalismo é uma “doutrina” segundo a qual os acontecimentos são fixados com antecedência pelo destino. Tudo acontece porque tem de acontecer, sem que nada possa modificar o rumo dos acontecimentos. Propenso a um rígido determinismo, o fatalismo impõe uma mítica inexorabilidade à jornada humana. O fatalismo tem-se insinuado em narrativas biográficas contemporâneas escritas. O senso fatalista coloca o biografado em função de sua obra. Ele/ela existe por causa de sua obra. Sendo assim, em vez de parcela considerável da vida, sua obra se torna sua própria vida. (VILAS BOAS, 2006, p.85)

Um bom exemplo é uma propaganda do guaraná Antarctica⁴ na qual o jogador Willian agradece à marca uma oportunidade dada em uma copa organizada por ela, onde ele foi eleito o melhor jogador e credita a essa copa a sua escolha para compor a seleção brasileira. Através dessa afirmação o jogador reduz toda uma rotina de treinamentos, esforços físicos, psicológicos e financeiros necessários para ele estar lá a um mero acontecimento. Isso é ser fatalista, reduzir todos feitos e esforços à apenas um fato isolado ou mera situação de sorte.

A partir daí, partimos para a limitação seguinte, a extraordinariedade. Bastos (2004, p.119) acredita que “além de ter um ponto, a narrativa deve ser contável, isto é, deve fazer referência a algo extraordinário. Acontecimentos banais e previsíveis não se prestam a ser contados, não têm reportabilidade”. Vilas Boas (2006) discorda dessa necessidade do biografado ter que ser obrigatoriamente uma pessoa extraordinária para ser merecedor de um trabalho biográfico e define por herói

aquele que participa corajosa e decentemente da vida, no rumo da natureza e não segundo o rancor, a frustração e a vingança pessoais. Mesmo quando age pensando em algum benefício próprio, o herói real empurra e é empurrado para a frente por muitas pessoas, próximas ou distantes, pessoas de seu tempo ou de tempos vindouros. (VILAS BOAS, 2006, p.145)

Vilas Boas (*op. cit.*) afirma que uma pessoa não necessita obrigatoriamente ser progenitora de um ato heroico para ser proclamada como tal, mas sim prover atos que já são heroicos para uma realidade mais complexa e complicada.

Não creio que exista isso de “simples mortal”. Cada um de nós tem a possibilidade do êxtasy em sua experiência de vida. O que é preciso fazer é reconhecê-lo, cultivá-lo e seguir em frente. Sempre sinto incomodado quando as pessoas falam em “simples mortais”, porque jamais conheci um homem, ou uma mulher, ou uma criança “simples”. (CAMPBELL *apud* VILAS BOAS, 2006, p.173).

Nessa citação, o autor tem a intenção de chamar a atenção para riqueza da individualidade e singularidade de um indivíduo que, por mais simples que possa parecer, e que seja, não impede que ele tenha uma história especial, única. Compartilhando da ideia de

4

Comercial disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IRXst1_t7a4 Acesso em 30/06/2014

Vilas Boas e Campbell, Schimdt (1997) também acredita que não “apenas os ‘grandes homens’ merecem esta dignidade, mas também as pessoas comuns, os subalternos, a “gente miúda”. (SCHMIDT, 1997, p.16).

Em concordância com os autores supracitados, escolhemos Silvano e Vânia, o “casal Vitamina Silva”, que possuem um comércio de sucos, vitaminas e salgados como personagens para nosso documentário biográfico. Duas pessoas comuns, simples, com origem humilde. Pessoas até então anônimas ao grande público que não reside na região central de Viçosa.

Brum (2006) acredita na existência de heróis “anônimos” e corrobora isso expressando sua preferência por pessoas de “carne osso”:

Eu não gosto de heróis. De mitos, só os da Antiguidade. Não gosto porque não acredito, porque acho pobre, porque acho chato. Se de perto ninguém é normal, de perto ninguém é herói. Essa mania de mitificar gente, alçar fulano ou beltrano ao Olimpo porque supostamente fez algo sobre-humano, empata a vida. Faz com que os supostamente pobres mortais se sintam exatamente isso: pobres mortais. (BRUM, 2006, p. 195)

Seguindo os preceitos da autora, para ser um herói uma pessoa não precisa necessariamente possuir atributos físicos e mentais extraordinários. Basta que ele faça coisas pequenas que já transcendem o universo cotidiano. Um pai que deixa de comer pra dar aos filhos, uma mãe que tem dois empregos e ainda tem tempo pra ajudar os filhos a fazer a lição de casa. Todos esses podem ser chamados de herói e têm sim sua história, mesmo que não tão mítica quanto à de personagens lendários.

No nosso caso, Silvano e Vânia são pessoas que saíram da zona rural em busca de independência e uma condição melhor de vida. Pessoas que trabalham aproximadamente 16 horas por dia e que não tiram férias, fato decorrente do sucesso do empreendimento do casal. Porém, nossa intenção não é imprimir na nossa narrativa uma visão meritocrática. Se assim fizéssemos, correríamos o risco de produzir um vídeo publicitário e não um documentário biográfico. Nossa intenção é contar a história casal de maneira que o sucesso com o empreendimento comercial fique em segundo plano.

Quanto ao modo de organização da narrativa biográfica, autores divergem no que diz respeito à cronologia, o que Vilas Boas define como uma limitação não só filosófica mais também narrativa. Morais (1995) diz que não se sente muito atraído por uma narrativa com estrutura cronológica engessada. “O recurso do flashback, por exemplo, pode dar mais vida ao texto”. (MORAIS, 1995, p.102).

Vilas Boas (2006) traz outros autores favoráveis a cronologia, a uma linearidade, como Maurois (1929) e Weinberg (1992), que afirmam que o biógrafo não deve esperar que o leitor já conheça previamente a história de vida do personagem. E esse conhecimento deve acontecer de forma progressiva. (VILAS BOAS, 2006)

Em nosso produto, tentamos fugir um pouco dessas limitações filosóficas e narrativas apontadas por Vilas Boas (2006). Todavia, nem sempre foi possível não recorrer a alguns desses modos de construção biográfica. Em síntese, compreendemos que as histórias de vida, sobretudo em narrativas biográficas audiovisuais, têm papel fundamental quando se busca retratar pessoas ditas “comuns”, sua história, expectativas e singularidades.

CAPÍTULO 3: RELATÓRIO TÉCNICO

Em 2011, o casal Silvano e Vânia iniciou um projeto que vinham planejando há algum tempo: abrir uma pastelaria. Lembramo-nos de ver aquela lojinha pequena, com algumas poucas pessoas. Passadas algumas semanas, começamos a ouvir pessoas comentando sobre aquela nova loja, que vendia tudo por um real.

O lugar era pequeno mesmo: quando cheio mal dava para chegar ao balcão, mas depois de uma série de "licenças", era possível encontrar uma moça com sorriso no rosto, mesmo não parando um minuto de atender, servir e fazer as vitaminas. A moça era Vânia, que tinha aberto o Vitamina Silva havia poucas semanas junto com o marido, Silvano. A simplicidade e transparência do negócio e de seus idealizadores logo conquistaram clientela. Foi assim que eu, Lucas, tornei-me cliente fiel do Vitamina Silva.

3.1. Pré-produção

Quando surgiu a ideia de produzir um documentário como Trabalho de Conclusão de Curso, o empreendimento comercial do Silvano e da Vânia já estava enraizado no cotidiano da cidade. Com a loja maior, o Vitamina Silva continuava fazendo sucesso e transbordando pessoas nos horários de pico. Se o sucesso do comércio era óbvio, eu, Lucas, comecei a me indagar: o que teria feito essas duas pessoas abrirem uma loja assim? De onde eles eram? Foi aí que pensei na possibilidade de realizar o trabalho de conclusão de curso tendo o casal como tema de alguma das possibilidades de um projeto experimental - livro, radiodocumentário, produção audiovisual.

Comecei com algumas tentativas frustradas de conseguir alguns minutinhos do casal Silva. Durante um suco de laranja, finalmente consegui falar com o Silvano. A boa vontade e a disposição dele (que sempre me pareceu um homem muito fechado, mesmo sendo sempre educado) me deixou muito mais confiante em prosseguir com o projeto. Expus então a minha ideia para meu colega de trabalho Alexandre que, além de conhecer os dois há mais ou menos o mesmo tempo que eu, também queria fazer algum produto que tivesse como tema algo para fora da Universidade, já que trabalhamos quase a graduação inteira com temas para dentro dela. Em seguida, dividimos nossas ideias com a nossa orientadora, professora Mariana Procópio.

Ideia aceita, começamos a elaborar um roteiro de perguntas. A intenção deste roteiro era fomentar um primeiro contato com a história deles, que nem mesmo nós conhecíamos. Tal

procedimento foi necessário para podermos traçar um norte da própria história dele e para identificarmos quais outros personagens deveriam ser inseridos neste projeto.

Com o roteiro de perguntas pronto, nos preocupamos com outra situação: planejar bem as gravações para evitar a perda de material. Além disso, para ter um controle maior sobre a gravação, decidimos fazer uma gravação do teste do roteiro de perguntas. A ideia era, além de testar e ver os acertos e as falhas da primeira versão para corrigir, acostumá-los com a ideia de serem filmados enquanto falam sobre suas vidas, isto é, para familiarizá-los com o equipamento.

No dia 17 de maio foi realizada, no Vitamina Silva, a primeira gravação, realizada com o auxílio de uma câmera de mão e um tripé, e o teste do roteiro de perguntas. Neste teste enumeramos os demais personagens que fariam parte do projeto: o pai do Silvano e o pai da Vânia, o Raimundo, que deu o primeiro emprego da Vânia na cidade e o Mamão, que ajudou na criação do Vitamina Silva e é também o fornecedor das frutas consumidas.

Passado este teste, criamos os roteiros de perguntas dos demais entrevistados e acertamos o roteiro de pergunta dos dois. Após estes acertos, marcamos para o dia 7 de junho o início das gravações do nosso documentário.

3.2. Produção

Para imergir na história que pretendíamos contar, decidimos que a nossa primeira gravação oficial deveria ser com o casal Silva, Silvano e Vânia. Fazendo a gravação com eles, nós poderíamos, primeiramente, conhecê-los melhor e, por conseguinte, ir acrescentando detalhes da história a ser contada pelos outros personagens. Essa gravação foi realizada no Vitamina Silva, logo depois do expediente com o auxílio de três câmeras D90, três tripés e dois microfones lapela sem fio..

O personagem Silvano Gomes da Silva, 34 anos, nasceu em Viçosa e foi criado na zona rural de Canaã. Filho mais velho, em uma família de 3 irmãos, ficou na cidade natal até os 19 anos e depois se mudou pra Viçosa para trabalhar em uma pastelaria, ofício que nunca tinha realizado. Vânia Alves da Silva, 31 anos, nasceu também em Viçosa mas foi criada na zona rural do município de Canaã, juntamente com seus 5 irmãos. Trabalhou dos 10 aos 20 anos como doméstica para um vizinho de seus pais. A história dos dois se entrelaça quando uma prima de Silvano, que era amiga de Vânia, resolve apresentá-los e a partir daí começou uma amizade que se transformou em namoro e em casamento, que hoje já completa 10 anos e 6 meses. Em Viçosa, Vânia começou a trabalhar de doméstica para um conhecido de

Cachoeira Grande, chamado Raimundo. Tempos depois, os dois pediram demissão de seus respectivos empregos para abrir um negócio próprio, que não deu certo. Então, eles tiveram a ideia de abrir uma pastelaria e, a partir daí, surgiu o Vitamina Silva.

Através da entrevista realizada, decidimos quais seriam as outras fontes. Primeiramente, seriam os pais dos dois, José Gonçalves da Silva, pai do Silvano e Efigênio da Silva Viana, pai da Vânia - que sempre os apoiaram em todas suas decisões – o que foi dito diversas vezes durante a entrevista. A escolha dos pais e não das mães se deu por percebermos que estes tinham mais desenvoltura e uma melhor dicção, o que seria importante para captação do áudio. Em seguida, o primeiro patrão da Vânia em Viçosa, Raimundo, que possibilitou mesmo que indiretamente a vinda dela para Viçosa – já que ela casou e veio porque tinha o emprego garantido -, e Reinaldo Rosa Lopes, conhecido por Mamão e que surgiu na fala dos entrevistados como uma das principais fontes por ter incentivado, participado da criação e ser o fornecedor de produtos do Vitamina Silva até hoje.

Alguns problemas inesperados foram enfrentados por nós durante a gravação. Por se situar ao lado de uma rua com grande movimentação, o barulho de carros e, principalmente, caminhões e ônibus atrapalharam a captação do áudio dos entrevistados. Outro problema foi que devido ao número maior de equipamentos, que na pré-entrevista não tinha, os entrevistados ficaram tímidos e acabaram ocultando algumas informações que já haviam sido fornecidas na primeira entrevista. Portanto, decidimos que, como ainda tínhamos um bom tempo disponível, passaríamos a conviver mais com os personagens e depois de realizar todas as entrevistas complementares, poderíamos realizar uma nova entrevista no qual eles se sentissem mais a vontade para contarem sua história. A gravação durou em torno 1 hora e 16 minutos.

Após esta primeira entrevista, realizamos uma mudança de ordem técnica que influenciou todo o processo e possibilitou uma melhor produção: a troca de uma câmera D-90 por uma filmadora Sony HVR-Z7N. Com o uso deste equipamento, nós conseguimos prevenir dois possíveis problemas. O primeiro é que com a Sony HVR-Z7N nós teríamos uma câmera de segurança, já que com o cartão de memória de 8 gigabytes nós gravaríamos 36 minutos corridos e assim não precisaríamos mais pausar a entrevista, diferentemente da D-90 que grava apenas de 5 em 5 minutos. O segundo é que com essa câmera nós passamos a possuir dois canais de áudio balanceados, o que permitia que gravássemos dois canais de áudio ao mesmo tempo já no arquivo que iria para a edição, diminuindo o trabalho de sincronizar e aumentando consideravelmente a qualidade do áudio captado.

Ademais, foi realizado um intenso trabalho de conhecimento técnico das funções da câmera D-90, que nós continuamos usando como complementar. Além de trabalhar com elas completamente no modo manual, nós trocamos as lentes automáticas por lentes manuais, o que possibilitava um controle maior sobre a imagem produzida.

A sequência das gravações foi realizada com os equipamentos especificados. Além das câmeras, foram utilizados microfones lapela sem fio nos entrevistados e luz de LED para poder iluminar pequenos ambientes.

As gravações foram realizadas na seguinte sequência:

Dia 13/06 – Primeira gravação oficial com o Silvano e a Vânia.

Dia 14/06 – Gravação da entrevista com o pai do Silvano

Dia 19/06 – Gravação da entrevista com o pai da Vânia e em Canaã com os dois

Dia 20/06 – Gravação da entrevista com o Raimundo

Dia 21/06 – Gravação da entrevista com o Mamão

Dia 29/06 - Regravação com o casal Silva

Entrevistamos no dia 14/06 José Gonçalves da Silva, pai do Silvano, em sua residência no bairro Estrelas aqui em Viçosa. A entrevista teve a duração de 15 minutos e os equipamentos utilizados foram uma D90 – com cartão de 16gb -, a filmadora Z7 – com cartão de 8gb, dois tripés e um microfone lapela sem fio.

Como listado, no dia 19/06, feriado de *Corpus Christi*, nós fomos à região de Cachoeira Grande, zona rural da cidade de Canaã, local onde a Vânia viveu até se casar, para gravar uma entrevista com o pai dela. Essa entrevista acabou sendo realizada junto com um tio que conviveu a vida toda com a Vânia. Além disso, como a ideia é contar a vida dos dois além do Vitamina Silva, foi realizada a gravação com os dois personagens principais nas casas e/ou lugares onde viveram grande parte da infância e adolescência – Vânia em Cachoeira Grande e Silvano em Pouso Alegre, outra região da zona rural de Canaã -, como forma de ilustrar o documentário. Para tanto, nós contamos com o apoio do casal Silva, que não abriram o seu comércio para poder ir conosco, e dos pais de um dos idealizadores, Luiz e Grice, que vieram para dar suporte neste dia de gravação. Somadas, as entrevistas tiveram a duração de pouco mais de 50 minutos. Os equipamentos utilizados foram duas câmeras D90 – com um cartão de 4gb e outro de 16gb -, a filmadora Z7 – utilizando dois cartões de 8gb cada -, três tripés e duas lapelas sem fio. O LED não foi necessário, já que as entrevistas foram realizadas a luz do dia e em locais bem iluminados.

No dia seguinte, 20/06, realizamos a entrevista com Raimundo, proprietário de uma loja de roupas em Viçosa e ex-patrão da Vânia. A entrevista foi muito produtiva, da qual foi possível extrair boas declarações do entrevistado, assim como imagens e um áudio de qualidade. A entrevista foi realizada no andar superior do estabelecimento do entrevistado, onde o silêncio predomina e há pouca circulação de pessoas. O único problema, mas que foi facilmente contornado com o auxílio de uma luz de LED, era a iluminação precária do local. A entrevista teve duração de 22 minutos e utilizamos a Z7 – com um cartão de 8gb -, um D90 – com um cartão de 4gb -, dois tripés e uma lapela sem fio.

No terceiro e último dia de gravação da semana, 21/06, entrevistamos Reinaldo Rosa Lopes, mais conhecido como Mamão, proprietário de um sacolão e de um minimercado. Durante a entrevista já foi possível antecipar a importância que as declarações dele teriam na construção do nosso produto, apesar dele possuir algumas dificuldades de dicção. Ex-comprador de parte do café produzido pelo casal Silva quando estes trabalhavam com a torrefação do produto, ele foi a pessoa que mais incentivou Silvano e Vânia a desistirem do empreendimento da época e a investirem em uma casa de vitaminas, pasteis e sucos. Mamão não só incentivou como ajudou na escolha do nome e do preço das mercadorias. Além disso, se comprometeu a vender frutas a preços de custo até que o novo negócio do casal se estabilizasse. Como também aconteceu na entrevista com o personagem Raimundo, foi necessário o uso de uma luz LED para melhorar a iluminação do ambiente. Os equipamentos utilizados foram uma câmera D-90 – um cartão de 4gb -, a filmadora Z7 – com um cartão de 8gb -, uma lapela sem fio e dois tripés. A duração da entrevista foi 27 minutos aproximadamente.

No dia 29/06, nós decidimos refazer a gravação com o casal Silva, Silvano e Vânia. O motivo, como explicado anteriormente, foi a má qualidade do áudio devido a ruídos externos e também à timidez dos entrevistados diante das câmeras.

A entrevista dos dois era o cerne do nosso documentário e, para tal, nós precisávamos de boas respostas. Então, marcamos a entrevista na casa deles para que eles se sentissem mais a vontade e onde poderíamos também captar um áudio de melhor qualidade.

O período de convivência maior entre nós e o fato de estarmos bem mais imersos e tendo um conhecimento pleno da história dos dois, sabendo os pontos-chave que já haviam sido levantados pelos outros personagens - assim como por eles próprios nas entrevistas anteriores -, foram determinantes nessas 1 hora e 20 minutos de entrevista. Toda essa familiarização com o assunto nos permitiu extrair das fontes as informações necessárias para a construção do nosso produto. Como suporte para captação de imagens e áudio da entrevista

foram utilizadas duas D90, a filmadora Z7 – com três cartões de 8gb -, três tripés e duas lapelas sem fio.

3.3. Pós-Produção

Após todas as filmagens realizadas, optamos por começar a montagem do documentário com os depoimentos sobre a idealização e montagem do Vitamina Silva. Em seguida, abordamos a história dos dois separadamente e depois como casal. O gancho para passar dessa temática inicial (criação do empreendimento comercial) para a história de cada um foi o momento em que eles detalham a escolha do nome da loja. A lanchonete possui no nome uma clara relação de identidade com o casal, já que ambos possuem o sobrenome Silva. O assunto Vitamina Silva retorna ao documentário na parte final, uma vez que ele se tornou ponto importante na vida dos dois e interferem nos anseios e planos do casal.

Para termos total controle do que havia sido filmado, todo o material foi assistido e decupado minuciosamente, o que facilitou no momento de selecionar qual a parte da fala exata entraria em determinado momento do documentário. Ao mesmo tempo, foi realizada a sincronização das imagens das câmeras D-90 com a Z7 e, principalmente, o áudio durante as entrevistas. Para facilitar, no intervalo entre uma gravação e outra, que normalmente eram de uma semana, esse processo já era iniciado. A última sincronização de imagens e áudio realizada foi a entrevista do casal Silva, na pós-produção. Esta, foi a entrevista que deu mais trabalho pelo tamanho e pela complexidade.

A construção dessa narrativa documental contou também com a utilização de acervo fotográfico dos dois personagens, com a intenção de ilustrar o que estava sendo contado durante a entrevista. A trilha sonora foi composta por músicas instrumentais do gênero sertanejo e country, escolhidas por remeter a origem humilde dos personagens, que nasceram e cresceram na zona rural. São elas: *Come by the hills*, *Through the grassy hills*, músicas do estilo country baixadas em um site gratuito.⁵ Chitãozinho e Xororó com sua música Rancho Fundo (versão instrumental), um clássico sertanejo e para o encerramento a música Felicidade (versão instrumental) do cantor Marcelo Jeneci.

Todo o processo de edição do documentário foi realizado na Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância – CEAD, após o expediente e com consentimento da diretoria, uma vez que um dos idealizadores é estagiário de lá. O programa utilizado para a edição foi o

5 Disponíveis em <http://www.freeplaymusic.com/> Acesso em 07/07/2014

Edius 6. A Capa foi feita pelo estagiário da CEAD, Talles Carvalho, no programa Photoshop, sob nossa orientação. Além disso, ele produziu também a vinheta de abertura, no programa After Effects.

O memorial foi elaborado concomitantemente com a produção do nosso documentário e as leituras bibliográficas para a sua confecção tiveram início no mês de Abril e foi concluído no mês de julho.

3.4. Material, orçamento e cronograma

a) Material

Quantidade	Descrição
2	Câmera digital Nikon D90 DSLR
1	Câmera filmadora Sony HDV HVR- Z7
2	Lentes Nikon – EF 106mm
2	Microfone Lapela Sony UWP-V2
3	Tripé de câmera Velbon
1	Iluminador de LED para ser utilizado em cima da câmera
5	Cartões de memória

b) Orçamento

Descrição	Quantidade	Valor unit.
Tarifa de táxi	2	R\$20,00
Gasolina	1	R\$20,00
Aluguel de carro Viçosa - Canaã	1	R\$300,00
	Total	R\$340,00

c) Cronograma

Atividade	Março 2014	Abril 2014	Mai o 2014	Junho 2014	Julho 2014
Reuniões de orientação	X	x	x	x	x
Pesquisa Bibliográfica		x	x	x	
Pré-entrevistas			x		
Captação: áudio e imagens de entrevistas; material de arquivo			x	x	
Decupagem do material bruto				x	x
Edição dos vídeos				x	x
Redação do memorial				x	x
Finalização do documentário					x
Defesa do TCC					x

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar um trabalho sobre pessoas comuns era tarefa pela qual ansiávamos, porém, ainda não tínhamos tido a oportunidade de fazê-lo no curso, pelo menos não nessa extensão e profundidade. Quando surgiu a ideia de fazer um documentário sobre os proprietários do Vitamina Silva, Silvano e Vânia, não pensamos duas vezes. Afinal, a fama da lanchonete é bastante conhecida pela população viçosense, mas poucos são os que sabem da trajetória de vida que os trouxe até ali.

Com a realização do documentário *Vida de Silva: a história de Silvano e Vânia* procuramos também cumprir a função de revelar a história, não somente das pessoas específicas, mas também de toda uma sociedade em que eles estão inseridos. As entrevistas atestam a visão de mundo dos personagens e, muito provavelmente, de toda uma comunidade que vivencia ou vivenciou situações semelhantes. De acordo com as fontes do nosso produto, mulher naquele tempo cuidava da casa, dos filhos, do marido. O homem saía para trabalhar, saía em busca do sustento da família. A energia era obtida por meio um moinho movido à água, assim como a farinha de milho. Os depoimentos demarcam um modo de compreensão da realidade que, para muitos, pode estar discrepante das vivências contemporâneas.

Durante o processo de montagem do documentário, percebemos a dificuldade de se construir uma narrativa biográfica que não caia em clichês, ou em alguma das limitações, filosóficas ou narrativas, enumeradas por Vilas Boas (2006). O que podemos dizer é que procuramos achar riqueza em um personagem que muitos considerariam pobre – não em questão financeira -, por não ter feitos extraordinários. Para isso, há a necessidade de saber enxergar, de buscar novos enquadramentos, novas visões acerca de um fato, de um local, de uma pessoa.

Outro ponto que ficou muito claro durante o trabalho é a necessidade de dividir, se não em grupo, ao menos com um parceiro, as tarefas necessárias para a produção audiovisual, que realizadas individualmente, dificilmente seriam cumpridas de modo satisfatório. Procuramos participar de todas as etapas, tanto do memorial, quanto do produto.

Por fim, esperamos que mais pessoas possam conhecer a história de Silvano e Vânia através de nosso documentário. A intenção é disponibilizá-lo pela internet não só no site do curso de Comunicação Social/Jornalismo mas também em outros canais que possam atingir o público além da comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1998.

BASTOS, L. C. Narrativa e vida cotidiana. **Revista Scripta**. v. 7, n. 14, 1º sem. Belo Horizonte: Scripta 2004. p. 118-127. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta14/Conteudo/N14_Parte01_art11.pdf Acesso em 07/06/2014

BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BURKE, P. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 19, p 1- 14 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2038> Acesso em 08/06/2014

LUCENA, L. C. **Como fazer documentários conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus, 2012.

MARTINEZ, M. **Jornada do Herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2008.

MONCLAR, J. **Linguagem cinematográfica, narrando com imagens**. Rio de Janeiro: Jorge Monclar, 2009.

MORAIS, F. **Chatô, o rei do Brasil: A vida de Assis Chateaubriand**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papirus, 2005

SCHMIDT, B. B. Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro n.19, 1997. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2040/1179_Acesso em 14/06/2014.

VILAS BOAS, S. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

_____ **Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens.** São Paulo: Summus Editorial. 2002.

ANEXOS

ROTEIRO

MAMÃO		<p>TRABALHA. SILVANO: ELE DEU MAIOR APOIO, PORTANTO, ME DÁ APOIO ATÉ HOJE.</p> <p>ELE ACHOU ESSE PONTO PRIMEIRO LÁ E ME FALOU. ME LEVOU LÁ E ME PERGUNTOU O QUE EU ACHAVA. EU FALEI ESSE PONTO AQUI É EXCELENTE, TODO MUNDO PASSA AQUI EM FRENTE.</p>
SILVANO		<p>ACHEI UM POUCO PRA FRENTE MENORZINHO, “AH MAMÃO, AQUELE ALI EU NÃO AGRADEI NÃO, AQUELE ALI É MUITO PEQUENO”. AÍ LARGUEI AQUILO PRO LADO E CONTINUEI BATENDO PASTO. EU VIM BATI 20 ALQUERE DE TERRA, EU VIM PEGUEI O DINHEIRO E NA HORA H O HOMEM FEZ RAIVA. “AH MAIS VOCÊ VEIO PEGAR 1700 REAIS”, FIQUEI LÁ 15 DIA RAPAZ. VÂNIA: BATENDO PASTO PRO HOMI, BATIA COM A MÁQUINA. SILVANO: E ERA O BRUTO. E EU QUE AMANSEI O PASTO DO HOMI. AÍ CHEGUEI, ASSIM QUE EU CHEGUEI EM VIÇOSA NO OUTRO DIA EU DESCI AQUI EMBAIXO MINHA MOTO FUROU O PNEU, AÍ FUROU O PNEU EU FUI NA BORRACHARIA COLAR NÉ. A HORA QUE EU CHEGUEI LÁ, O OSMAR DA COPIADORA “OH SILVANO, TO ATRÁS DOCÊ”, EU FALEI UAI PRA QUE? “PARECEU</p>

<p>MAMÃO</p>		<p>AÍ PERGUNTEI PRA ELE, É, QUAL O SOBRENOME DELE, ELE FALOU QUE ERA SILVA, EU FALEI, ENTÃO BOTA VITAMINA SILVA, UM NOME CURTO, FÁCIL DE GRAVAR. NÉ, VOU LEMBRAR AQUELE NOME. FALEI, COLOCA O NOME MAIS SIMPLES POSSÍVEL. QUE FICA MAIS FÁCIL PRA SER VISTO NÉ. NOME PEQUENO. É UM NOME POPULAR, É UM SOBRENOME NÉ? ENTÃO FICA...SILVA TEM DEMAIS, ENTÃO É FÁCIL DE SER VISTO</p>
	<p>FADE OUT</p>	
<p>VT DE ABERTURA</p>	<p>FADE IN</p>	
<p>IMAGENS DE CANAÃ COM BG</p>		
<p>PAI DO SILVANO</p>		<p>TODA VIDA ELE FOI TRABALHADOR, AJUIZADO,</p>
<p>SILVANO</p>		<p>TRABALHAVA, ATÉ DEPOIS DO 18 ANOS EU TRABALHAVA, IA PRA ESCOLA DEPOIS. EU NÃO TENHO NADA QUE RECLAMAR NÃO. EU GOSTAVA DAQUILO ALI.</p>

<p>PAI DA VÂNIA</p>		<p>GOSTAVA ALI</p> <p>TODA VIDA ELA FOI UMA PESSOA DESINQUIETA, DESDE MENINA, ESPERTINHA E FAZENDEIRA DE ARTE PRA DANÁ. É A VÂNIA ERA</p>
<p>VÂNIA</p>		<p>BRINCÁ A GENTE BRINCAVA MUITO, ERA EU MINHAS IRMÃS, MINHAS COLEGAS, DA GENTE LÁ. AÍ ERA COM BONECA, FEITA DE...SABUGO DE MILHO.</p>
<p>SILVANO</p>		<p>MOTO? ANDAVA, ANDAVA DE MOTO. DESDE... 16 ANO EU APRENDI ANDAR DE MOTO, EU TINHA UMA MOTO PRA MIM ANDAR LÁ</p>
<p>PAI DA VÂNIA</p>		<p>DEPOIS QUE PEGOU CERTO PORTE AÍ ELA VIU QUE NÃO PODIA FAZER TANTA ARTE. JÁ FOI APANHANDO JUÍZO . AÍ ELA FOI APLICANDO OS MEIO DELA. JÁ PASSOU A TRABALHAR A ESTUDAR DE 7 ANOS EM DIANTE.</p>
<p>VÂNIA</p>		<p>EU PEGUEI TRABALHA DE DOMÉSTICA. EU, MINHA OUTRA IRMÃ, A MAIS VELHA. A GENTE TRABALHAVA DE DOMÉSTICA E MEUS IRMÃO TRABALHOU DE...TRABALHAM NA ROÇA.</p>

<p>PAI DO SILVANO</p>		<p>COM ERA, PLANTAR MILHO, FEIJÃO, ESSAS COISAS</p> <p>EU MEXI COM, MATAVA UMAS CRIAÇÃO, BOI DUM AÇOUGUE, E ELE ENTREGAVA CARNE PRA MIM, ATÉ TARDE TRABALHANDO.</p>
<p>SILVANO</p>		<p>JÁ TRABALHAVA NO AÇOUGUE COM PAPAI, VENDA, JÁ SAÍA ENTREGANDO AS CARNE PRA ELE. AÍ PEGUEI ANDAR DE MOTA JÁ NESSA FASE. AÍ EU SÓ FALAVA “PAI, UM DIA PANHA 19 ANOS EU VOU EMBORA”. AÍ ELE “NÃO, CÊ PODE IR.” JÁ BATIA PASTO PROS OUTRO, ÀS VEZES ATÉ UMA CERTA HORA, DEPOIS TRABALHAVA PRA ELE. ERA ASSIM.</p>
<p>IMAGENS CASA SILVANO CANAÃ</p> <p>SILVANO</p>		<p>AQUI ERA O FOGÃO. O CHÃO ERA ASSIM? MESMA COISA DE BARRO. AQUI ERA A COZINHA. NOIS CHEGAVA ALMOÇAVA TODO MUNDO AQUI, MAMÃE PUNHA AS VASILHA AQUI. JANTAVA E ALMOÇAVA TUDO AQUI.</p>
<p>SILVANO</p>		<p>EU DORMIA AQUI, TINHA UM QUARTINHO AQUI. ERA SEU QUARTO? NÃO, ERA DIVIDIDO PEQUENO AQUI,</p>

<p>SILVANO</p>		<p>OLHA A MARCA DA PAREDE. SÓ DEPOIS O CARA RANCOU, NOIS DURMIA NOS FUNDOS, PAPAI E MAMÃE DORMIA AQUI.</p> <p>AQUI ERA OUTRO QUARTO AÍ. AÍ MEU PAI PUNHA OS OUTRO CAPINÁ MILHO AÍ, DEPOIS OS CARA DORMI AÍ. SEMPRE ASSIM. AÍ NÃO TINHA O FORRO. É, SÓ NA TEIA. E AQUI ERA OUTRO QUARTO, ERA QUART TEM... TEM OUTRO QUARTO AQUI. AQUI ERA A SALA. O QUE LEMBRA DAQUI? REUNIA, REUNIA MUITA AQUI FICAVA BATENDO PAPO, OUVIR RÁDIO. NO TEMPO ERA RÁDIO, NÃO TINHA TELEVISÃO NÃO.</p>
<p>SILVANO</p>		<p>AQUI ERA A SALA, ENTRAVA POR AQUI E AQUI ERA A CASA. AQUI ERA O TERREIRO LIMPINHO, TINHA UM CÔMODO ALI SÓ QUE RANCOU ELE, NÃO EXISTE MAIS. BRINCAVA MUITO AQUI? BRINCAVA UAI.</p>
<p>SILVANO</p>		<p>ESSE MOINHO ERA MOVIDO COMO? ERA MOVIDO À ÁGUA, NOIS PUNHA O MILHO AQUI Ó, AQUI Ó, AQUI ONDE NOIS PUNHA O MILHO Ó. AÍ MOÍA AQUI.</p>
<p>PAI DA VÂNIA</p>		<p>A VÂNIA TODA VIDA GOSTOU... FAZ TODO</p>

<p>VÂNIA</p>		<p>SERVIÇO DE CASA, ASSIM, GOSTA DE TA LAVANDO ROUPA, TODO SERVIÇO DE CASA ELA FAZ. ELA GOSTAVA. ELA NUNCA INJEITOU(REJEITOU) SERVIÇO NENHUM.</p>
<p>IMAGENS CASA VÂNIA CANAÃ</p>		<p>AJUDAVA, AJUDAVA DESDE CRIANÇA.DEPOIS EU AJUDAVA MINHA MÃE, AJUDAVA A ARRUMAR A CASA PRA MINHA MÃE , AJUDAVA TAMBÉM FAZER ALMOÇO E QUANDO ELA IA LAVAR ROUPA, QUE NÃO TINHA TANQUINHO, NÃO TINHA LUZ, NÃO TINHA NADA, ERA UMA BICA QUE A GENTE CHAMAVA. IA LÁ E AJUDAVA ELA LAVAR. É ESCOVAR ROUPA TUDO NA MÃO, PORQUE NÃO TINHA LUZ EM CASA. AÍ EU AJUDAVA ELA MUITO</p>
<p>VÂNIA</p>		<p>A CASA NOSSA ERA ALIE COMO ERA A CASA? ERA DE BARRO, BARRO DE BARRO, PAU A PIQUE EO FORRO DELA ERA FORRO DE TAQUARA. PORTA ERA TUDO... PORTA E JANELA SÓ TINHA UMA NA COZINHA, NA SALA E DUAS JANEAS DE FRENTE</p> <p>ALI NÓS ERA, QUE VER.</p>

<p>VÂNIA</p>		<p>MINHA MÃE, MEU PAI, E MAIS 6 IRMÃOS, 5 IRMÃOS. TUDO NESSA CASA. E ALI ERA SÓ O QUARTO, ALI TINHA DOIS QUARTO, A SALA, COZINHA E UM BANHEIRO PEQUENINHO PRO LADO DE FORA. O BANHEIRINHO ERA DO LADO DE FORA DA CASA. COMO DIVIDIA OS QUARTOS? ERA OS MENINO TUDO JUNTO, OS 3, NO QUARTO DA SALA, EU E MAIS DUAS IRMÃS MINHA ERA NO JUNTO COM MINHA MÃE E MEU PAI NO QUARTO. ANTES ERA ASSIM.</p>
<p>VÂNIA</p>		<p>DIA DOMINGO ASSIM REUNIA TODO MUNDO ERA ATÉ LEGAL, MEU PAI E MINHA MÃE FAZIA COMIDA ASSIM CASEIRA, TIPO ASSIM, ERA FRANGO COM QUIABO, ENTENDEU? SEI QUE ERA UMA COISA MARCANTE? ELES FAZIAM PRA GENTE, FICAVA NAQUELA ALEGRIA, JUNTAVA TODO MUNDO, OS FILHO TODO. AI REUNIA TODO MUNDO ASSIM NO DOMINGO E FAZIA. TINHA ALGO EM ALGUMA FESTIVIDADE? QUANDO ERA NATAL A GENTE FAZIA. AHH A GENTE FICAVA AFLITO QUE CHEGASSE O NATAL. NOIS REUNIA TODO MUNDO E FAZIA A CEIA. JUNTAVA AONDE? NA COZINHA MESMO, TINHA UMA MESA, A MESA ERA ESSAS MESA MAIS ANTIGA. NÃO TINHA CADEIRA E</p>

<p>CANAÃ</p> <p>PAI DO SILVANO</p>		<p>ELE VEIO NA FRENTE NÉ. EU FIQUEI LÁ NA ROÇA AINDA, 1 ANO, 1 ANO E POCO. ELE ARRANJOU SERVIÇO DE EMPREGADO AQUI, TRABALHAR NESSA PASTELARIA QUE EU TO FALANDO E ELE VEIO NA FRENTE. EAÍ FICOU MORANDO COM AS MINHAS IRMÃS. TENHO MAIS 2, MAIS 3 IRMÃO QUE MORA AQUI. ELE FICOU MORANDO COM DUAS IRMÃ MINHA</p>
<p>SILVANO</p>		<p>“ AH SILVANO SAIU UMA VAGA AÍ, CE QUER?”. AÍ EU VIM. TAVA BATENDO PASTO ATÉ NO DIA, LARGUEI A BATEÇÃO DE PASTO E VIM TRABALHAR LÁ. PRIMO MEU ME CHAMOU NÉ. EU TRABALHEI, ENTREI TRABALHANDO LÁ. AH, EU FALEI COM ELE, ELE FALOU, C PODE IR UAI. PODE IR, ELE VEIO COMIGO QUE EU NÃO CONHECIA NADA. VEIO, ME DEU O MAIOR APOIO – E DEPOIS ELE VEIO? DEPOIS ELE VEIO, 6 MESES DEPOIS ELE VEIO.</p>
<p>VÂNIA</p>		<p>QUANDO EU CONHECI O SILVANO, ELE FOI LÁ NA CASA DELA. QUE A PRIMA DELE A MUITO LÁ E ELA ERA COLEGA MINHA SÓ QUE EU NEM IMAGINAVA. ERA COLEGA MINHA E TAL AÍ ELA FALAVA ASSIM, CHEGAVA LÁ, SEMPRE SÁBADO ASSIM</p>

<p>SILVANO E VÂNIA</p>		<p>ELA IA. AÍ ELA FALAVA “O VÂNIA, EU VOU TE APRESENTAR UM PRIMO MEU E TAL”, AÍ CHEGOU LÁ ME APRESENTOU . “ ELE É MUITO GENTE BOA” ENTÃO ELA FALOU COMIGO. EU FALEI TA BOM, ELA FALOU ASSIM “O VÂNIA POSSO TRAZER ELE AQUI PRA TE APRESENTAR?” EU, PODE , NÃO TINHA NADA A VÊ. AÍ ELA CHEGOU COM ELE UM DIA DE SÁBADO A TARDE EU LEMBRO DISSO. AÍ ELA CHEGOU COM ELE, ELE CHEGOU DE MOTO S DOIS. AÍ CHEGOU LÁ E TUDO, ME APRESENTOU ELE, A GENTE FICOU CONHECENDO, APRESENTOU PRA MAIS LILI E SILVIO, PORQUE EU FUI CRIADO COM ELES. AÍ APRESENTOU PRA ELES, GOSTARAM MUITO DELE E TAL, E A GENTE FEZ AMIZADE. AÍ DEPOIS PASSOU UNS TEMPO E A GENTE COMEÇOU A NAMORAR.</p> <p>VAI LÁ SILVANO PRA VOCÊ CONHECER, ELA QUER NAMORAR, PRA CASAR. ENTÃO VAMO UAI. VÂNIA: AÍ ELA FALOU COM ELE “ O NAMORO TER QUE SER SÉRIO” NÉ SILVANO? SILVANO: TEM QUE SER SÉRIO, ESSA NÃO É PRA ENROLAR NÃO. AÍ EU FALEI, EU TÔ NO MESMO CAMINHO. NAMORAR E CASAR TAMBÉM. ENTÃO VAMO. VÂNIA: AÍ ELA FALOU COM ELE “ NAMORO TEM QUE SER SÉRIO, SE FOR PRA ENROLAR OS PAIS</p>
------------------------	--	--

		<p>DELA NÃO ACEITA NÃO”. SILVANO: ACEITA NÃO. NÃO EU NÃO VOU ENROLAR NÃO, EU SOU CORRETO, NÃO SOU MENTIROSO NÃO. VÂNIA AO FUNDO: MEUS PAIS FALAVAM ISSO DE CARA, SABE. - SILVANO E VANIA</p>
<p>PAI DA VÂNIA</p>		<p>A GENTE RECEBEU ELE DE BRAÇOS ABERTOS. ELE CHEGOU ASSIM PEDINDO, CONVERSANDO TUDO. NUMA BOA, QUE ACEITASSE QUE ELE GOSTOU DELA, QUE ELE QUERIA CASAR COM ELA, IGUAL CASOU. EAI NOIS DEU SIM E TA TUDO BEM UAI</p>
<p>SILVANO</p>		<p>CONVERSEI COM ELA. “OH VÂNIA, NÓS TAMO PRONTO PRA CASAR”, NÃO NOIS VAMO(ELA FALOU). AÍ EU CONVERSEI COM PAPAI, PAPAI FOI DE ACORDO, AÍ FOI E PEDIU EM CASAMENTO.</p>
<p>VÂNIA</p>		<p>CASAMO, FIZEMO UM ALMOÇO DEPOIS DO CASAMENTO LÁ. QUE A GENTE FEZ O ALMOÇO LÁ NA MINHA CASA, AÍ A GENTE CASOU LÁ NA IGREJA MESMO DE CANAÃ.</p>
<p>FOTOS DO CASAMENTO</p>		

<p>SILVANO E VÂNIA COM BG</p> <p>VÂNIA</p>		<p>VÂNIA: A GENTE CASOU E VEIO PRA AQUI. JÁ VEIO PRA VIÇOSA MESMO? OS DOIS RESPONDEM: É...SILVANO: CASAMO VIEMO PRA CA, FICAMO LÁ NAQUELA CASINHA LÁ. SILVANO: (FALA CORTADA) AÍ VIEMO MORAR LÁ. VÂNIA: NOS FUNDO. A GENTE MORAVA NOS FUNDO DA CASA DO MEU SOGRO. E COMO ERA A CASA? VÂNIA: ERA PEQUENININHO. SILVANO: LÁ TINHA DOIS CÔMODO, BANHEIRO E UMA ÁREA DE SERVIÇO PEQUENININHA ASSIM. VÂNIA: LÁ ERA PEQUENININHA A CASA. SILVANO: NÃO TINHA PISO, NOIS MOREMO LÁ 8 ANO.</p>
<p>SILVANO MOSTRANDO ONDE MORARAM QUANDO CHEGARAM EM VIÇOSA</p>		<p>QUANDO TIVE AQUI NÃO TINHA ESSE PISO NÃO, NÃO TINHA ESSA VARANDA. EU MORAVA SÓ AQUI Ó. DAQUI PRA LÁ. O TETO ERA ASSIM, NÃO TINHA PISO NO CHÃO, ERA PISO GROSSO. SÓ TINHA TINTA ASSIM. AÍ O QUARTO ERA ASSIM ,NÃO TINHA PISO NO CHÃO, ERA PISO GROSSO TAMBÉM. ERA CAL NA PAREDE IGUAL TA AÍ.</p>

<p>RAIMUNDO</p>		<p>CONHECI A VÂNIA LÁ NO CACHOEIRA GRANDE LÁ, TAVA QUERENDO VIR PRA VIÇOSA, AÍ TIVE A OPORTUNIDADE DE CONHECER ELA E LEVEI ELA PRA TRABALHAR LÁ EM CASA, ELA TRABALHOU LÁ UM PERÍODO DE 5 ANOS MAIS OU MENOS</p>
<p>VÂNIA</p>		<p>AÍ COM ELES EU TRABALHEI 5 ANOS E MEIO. COMO DOMÉSTICA. ELES ERAM MUITO BÃO TAMBÉM, JÁ ERA CONHECIDO E TUDO, EU CONHECIA AS MENINA DELES. ENTÃO ALI EU FIQUEI TRABALHANDO COM ELES</p>
<p>RAIMUNDO</p>		<p>Á ELA FAZIA DE TUDO, ELA CUIDAVA DA MINHA FILHA, EU TENHO UMA FILHA, NA ÉPOCA A MENINA ERA PEQUENA, UNS 4 ANOS, ELA CUIDAVA DA MENINA, OLHAVA A CASA, ARRUMAVA A CASA, FAZIA COMIDA, TUDO. ERA COMO SE FOSSE UMA, DA FAMÍLIA NÉ. ELA FAZIA DE TUDO.</p>
<p>SILVANO</p>		<p>EU SAI PRA MONTAR UM TORRADOR DE CAFÉ.</p>
<p>VÂNIA</p>		<p>LOGO QUANDO O SILVANO MONTOU A TORREFAÇÃO DE CAFÉ EU JÁ SAÍ DA CASA DA CIDA TAMBÉM PRA</p>

SILVANO		<p>PODER AJUDAR O SILVANO. AÍ EU AJUDAVA ELE. EU SEMPRE IA COM ELE AJUDAR A TORRAR.</p>
SILVANO E VÂNIA		<p>AHH TINHA UNS 30 MIL, 30, 40 MIL. VÂNIA: MIA OU MENOS POR AÍ, PORQUE É CARA AQUELAS MÁQUINA.</p> <p>SÓ QUE DEU TUDO ERRADO, PERDI AQUILO TUDO. DEU CERTO NÃO.</p>
SILVANO		<p>EM VEZ DE FALAR AHHH, VOCÊ JÁ MONTOU TORRADOR NÃO DEU CERTO. VAI MONTAR VITAMINA DENOVO? ELE, NÃO MEU FILHO, VAI E MONTA, TRABALHA DIREITINHO E VAI DAR CERTO. SEMPRE ME DEU APOIO. NUNCA FALOU, NÃO NÃO MONTA NÃO QUE NÃO VAI DAR CERTO NÃO. ME DAVA APOIO.</p>
PAI DO SILVANO		<p>E FALOU QUE AI ABRIR. EU FALEI UAI EXPERIMENTA. EXPERIMENTA. SE NÃO EXPERIMENTAR NÃO SABE SE DÁ CERTO. EXPERIMENTA</p>

SILVANO		<p>AÍ EU COMECEI NO VITAMINA, PA... TINHA OS 600 CONTO, PAGUEI O ALUGUEL NÉ E TOMEI MAIS 5 MIL COM O AGIOTA EMPRESTADO. VÂNIA: A GENTE PEGOU EMPRESTADO. SILVANO: PRA COMEÇAR NO VITAMINA. ARRISCOU MAIS VEZ?ARRISQUEI O CARRO QUE TINHA, TENHO CARRO QUALQUER COISA EU VENDENDO E PAGO ELE, PRONTO, FICO LIVRE. AÍ FICO SEM NADA MESMO. SE NÃO DER CERTO</p>
PAI DO SILVANO		<p>A GENTE SEMPRE FICA ASSIM COM UM PÉ ATRÁS NÉ. PODE NÃO DAR CERTO E ELE INVESTIR NÉ. IGUAL INVESTIU COM MÁQUINA NÉ. MAS DEUS AJUDOU E LÁ VAI DANDO CERTO.</p>
SILVANO		<p>CHEGUEI AQUI A HORA QUE EU OLHEI O PONTO EU FALEI, ESSE AQUI É MEU, ISSO AQUI É MEU TIPO, É ESSE AQUI MESMO. VOU PEGAR E VOU TRABALHAR, E MAMÃO ME DEU MAIOR FORÇA, MAIOR APOIO. “NÃO, PEGA RAPAZ PODE SER PEQUENO MEMO QUE CRESCE.”.</p>
MAMÃO		<p>AHH, NA ÉPOCA ELE PEGA DOIS QUILO, TRÊS, DE MOTO, BOTAVA NA CAIXINHA LATERAL E LEVAVA PRUU, PRA</p>

<p>SILVANO</p>		<p>LANCHONETE DELE.</p> <p>AÍ EU PEGUEI BUSCAR FRUTA NO MAMÃO NUMA MOTA, ELE AINDA BRINCOU COMIGO “DAQUI UNS DIAS CÊ NÃO BUSCA NESSA MOTA MAIS NÃO”. VÂNIA: AINDA BRINCOU COM A GENTE NÉ. SILVANO: “NUM BUSCA EU TENHO CERTEZA”. E HOJE? HOJE EU NÃO CONSIGO BUSCAR NA MOTA MAIS, HOJE EU BUSCO NA CAMINHONETE, COSTUMA NEM A CAMINHONETE DAR CONTA MAIS.</p>
<p>SILVANO</p>		<p>EU FIQUEI UM ANO NA PEQUENA. FEZ UM ANO EU PASSEI PRA GRANDE. E FOI AONDE TA HOJE, SÓ CRESCENDO.</p>
<p>CLIP IMAGENS VITAMINA SILVA COM BG</p>		
<p>SILVANO E VÂNIA</p>		<p>SILVANO: EU QUERO MANTER O VITAMINA. VÂNIA: MANTER O VITAMINA. SILVANO: MANTER DO JEITO QUE TA ALI NÉ? ALI EU GUNETO MANTER. VOU MANTER O PREÇO DO JEITO QUE TA ALI. MAIS NA FRENTE TAMO PENSANDO EM ARRUMAR</p>

<p>CLIP DE ENCERRAMENTO COM CRÉDITOS</p>		<p>UM FILHO. VÂNIA: TER UM FILHO. SILVANO: QUE É BÃO TER UM FILHO, CÊ TRABALHA MAIS ANIMADO NÉ. TEM PRA QUEM DEIXAR. CRESCER MAIS NÃO, EU TENHO VONTADE SÓ MANTER. MANTER O QUE TA E PRONTO - SILVANO E VANIA</p>
--	--	---

ANEXOS

AUTORIZAÇÕES